

DISCURSO EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DO GENERAL  
EMILIO FERNANDES DE SOUSA DOCA. SESSÃO NO  
CLUBE MILITAR, DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E GEO-  
GRAFIA MILITAR. A 13 DE JUNHO DE 1945

**Ten. Cel. Altamirano Nunes Pereira.**

Minhas Senhoras,

Meus Senhores:

A morte é a suprema niveladora. Ela só, realiza a grande igualdade que, em vida, tantos espíritos alcandoram nas cogitações.

Com seu mistério, eleva e consagra, endeusa e santifica.

Assim é, em regra. Os predicados e as virtudes boas sobrevivem para despertar nos que ficam, o lado bom e divino das criaturas, dos seres que passaram.

Tudo que enfeiava a vida moral, rancores e invectivas cessam sua marcha perversa, pois a inveja já não tem mais razão de ser. A esfinge se mergulha na penumbra da indiferença ou da saudade, purificando-se no perfil do que resta, para reclamar, na materialidade do coração, a excelência do espírito dos que contemplam o que foi, o que se foi, o que já não é.

Está dessa maneira desfigurada a imagem. Do morto que se santifica, resta apenas uma feição. Não é o todo, mais a penumbra; não é a personalidade, mas o esboço; não é a carne, mas o pó.

Eis o fenômeno frequente, vulgar, diuturno, que no passar do tempo, sucede em continuidade, pelo espaço, sucessivamente...

A morte assim, santifica a todos os que passaram.

Se, porém, nessas unanimidades estão os não eleitos dos corações, marcando um sianl da sensibilidade humana, complexa e contraditória, que deverá suceder em relação aos vultos que, por seus hábitos, pela sua cultura, pela elevação de seus propósitos, pelas virtudes e sentimentos, destacaram-se do comum da criação?

Por certo, a consagração dessas figuras intangíveis e ina-



tacaveis, a preservação de sua memória pelo tempo, a recordação de seu exemplo, mérito e valor, para edificação dos posterios. Mas, a individualidade desses homens extraordinários, deve ser conservada e revivida inteira, sem restrições, sem as mutilações do apagar da memória.

Eis o que se nos depara, em relação ao comportamento para com a figura excepcional do morto e amigo que ora homenageamos, reverenciando sua memória, nesta hora de saudade e de angustia em nossos corações.

Não lhe vamos, a Emilio Fernandes de Sousa Doca, exaltar o valor, pois está vivo, tão puro, tão patente ainda morto, quanto o fôra em vida.

Mas, não o temos agora na Presidência desta casa, com sua serenidade de Chefe a dirigir nossos trabalhos.

Devemo-lhe por isso uma página de saudade. Dessas que não escrevem na perfeição que almejamos, por serem de todas as mais difíceis.

Dentro, em cada um de nós, mas envolvendo toda a personalidade, há um sentimento que punge, que constrange, que tortura e que magoa, a reviver, a renovar e a recompôr o passado. Há um anseio e uma aspiração, a angustia e a solidão, uma complexidade de consciência, envolvida na incompreensão e na infinita tristeza: é a saudade.

Filha bendita do amôr, também se gera nêsse sentimento fraternal que entrelaça os homens, tendo ainda o mesmo sabor de acêrbo espinho.

Neste instante, não é só dever social' que nos anima neste preito de saudade. Os sentimentos fraternais que a ele nos prendiam, impõem esta homenagem filha da saudade. Perdemos um confrade e ora o pranteamos, numa demonstração inequívoca da lacuna que deixou em nosso quadro de afetividade.

A sua ausência compunge a todos nós, mas bem maior há de ser a dor que envolve a Pátria.

Nessa angustia de saudade estará o Brasil inteiro, se sabe que perdeu um varão de Plutarco. O Exército inteiro é que há de estar de crepe, por se ter partido um dos seus lustres mais notaveis, como expressão indiscutível e inegavel de valor que honrou seus quadros. São seus amigos todos, são os homens cultos do Brasil, somos nós, seus confrades e são seus entes queridos, que todos lamentamos o inexoravel, a fatalidade para onde marchamos também.

Ele morreu feliz. Possam muitos assim também entregar a alma ao Criador dos homens e das coisas!



Emilio Fernandes de Sousa Doca foi, sem dúvida, o exemplo forte de uma formação de vontade. A análise de sua vida revela logo que os processos psicológicos que marcam o homem, êle os soube usar para honrar a profissão, para exaltar seus pares, para dignificar a classe. Seu carater, com todos os atributos da perfeição, revelava-o homem franco, homem sincero, homem leal.

Seus hábitos mentais, a reflexão, a observação e o raciocínio, serviam-se de seguras normas intelectuais, subordinando-se ao imperativos da verdade. Também seus hábitos morais, como soldado ou cidadão, como subordinado ou chefe, caracterizaram-se sempre pela elevação e para o bem, que foram contedos marcantes de direção e atitude de sua personalidade.

A formação teve para ambiente os pampas gauchescos, tão cheios de legendarismo, das epopéias que ainda ressoam pelas coxilhas, edificando o mérito da coragem, do amor, á terra e á gente do Brasil. Alí, ouvira êle, ainda menino, o estribilho da liberdade alado nas azas dos minuanos e ouvira, também, o éco das jornadas gloriosas pelo amor á Pátria. A ela consagrou sua vida.

Foi erudito historiador, investigando e reunindo os dados para repor, na justicidade de suas causas, os motivos farroupilhas.

Foi filólogo sem jaça, perquirindo os fundamentos da toponímia guaraníca que preservam a tradição da indiada que plantou a bravura nos pampas do Rio Grande.

Foi administrador e chefe, disciplinado e disciplinador, irradiando suas virtudes excelsas por onde passara, nos cenáculos, nas casernas e nos conselhos.

No glorioso Exército do Brasil, a que nos orgulhamos de pertencer, aos quinze anos de idade apenas, começou êle sua notavel carreira. Vinha já armado de qualidades e virtudes, de modo que a educação e logo o devotamento á profissão indicaram-no, pelo mérito, a ascender aos primeiros postos da hierarquia militar.

A progressão de soldado a general, sem quedas, foi o sinal dêsse mérito marcante de seu valor, de sua equação pessoal.

Quem conhece a vida militar por dentro, bem sabe da psicologia das corporações. Há filtros que se abrem para os que devam ser assimilados, enquanto portas se fecham para os que não devam ascender. Pois, a mentalidade dos homens da caserna se identifica e homogeniza, determinando uma irradiação social que impõe a purga branca ou concede o aprêço, para exclusão ou assimilação de valores.



E o nosso eminente confrade e chefe teria sabido, assim, revelar as condições esplendidas de sua formação moral e cultural, de sua educação e de seu temperamento. Caldeado entre milhares, com um período de provas nas fileiras, o mistério de uma carreira, para êle, iria ser uma continuidade de vitórias, uma revelação permanente de qualidades ímpares.

E, na verdade, tudo se passou dessa maneira, de soldado a general.

Eu era ainda jovem aluno do Colégio Militar ao tempo em que comecei a ler as preciosas Revistas Militares de outrora. Nelas, mais frequentemente, impressionavam meu espírito as histórias de guerras de que o nosso amado Brasil teria sido teatro ou delas houvesse participado.

Por vezes, um nome subscrevia uma página simples, mas precisa, profunda. Eram coisas do velho Rio Grande, lendário e cavalheiresco. O nome era, também, simples e algo estranho: Sousa Doca.

Em meu cérebro fixara-se aquele nome, que vazava pureza, que penetrava o amago das questões, que acertava e que contentava, pois logo deixava perceber o zelo e a idoneidade do escritor. Passei a admirá-lo e a respeitá-lo.

Alguns contornos espirituais da individualidade do historiador, se fixaram em minha consciência, dando que nos seus estudos Sousa Doca foi a revelação mais categórica da afirmação clássica de que o estilo é o homem.

Já o conhecia na sua inteireza moral e cultural, sem o ter visto ainda.

O tempo pôs-me em presença e, honra para mim, confrades. Eramos membros do Instituto de História e Geografia Militar.

O breve convívio nas sessões enroupou a admiração e o respeito a grande personalidade, nascendo daí um sentido fraternal que engrandecera aquele conceito que o historiador, então tenente Sousa Doca, despertara em mim.

Agora eu descobrira mais nele e, sem favor, uma lógica admirável no conhecimento, no sentimento e na atitude.

Presidindo êste Instituto, buscou dar-lhes atividades mais objetivas. Concebeu e ofereceu a seus pares um vasto plano de elaboração da História Militar do Brasil, obra que se terá prejudicado pelos acontecimentos mundiais que tanto perturbaram a normalidade da vida dos homens. Mas, ainda é o programa que temos de realizar.

Em outras entidades a que serviu, institutos de letras ou de história ou geografia, como nas inúmeras comissões



que exerceu, o General Emilio Fernandes de Sousa Doca esteve sempre á altura das responsabilidades, dando excelência e relêvo ás funções que desempenhou.

Nesta casa, que é o Clube Militar e que lhe deve o lançamento da pedra fundamental, exerceu êle vários cargos, emprestando o brilho de sua cultura e experiência ao progresso da entidade de classe dos militares.

Ainda ás vésperas de sua passagem á vida subjetiva, presidira aqui a duas comissões: uma de homenagem a valorosa Força Expedicionária do Brasil e outra de reforma dos Estatutos do Clube Militar. Nesta, eramos companheiros de trabalhos. E nela, mais de perto, podemos os mais membros da Comissão apreciar o alto valor de nosso Chefe. Meticuloso, preciso, rigoroso, claro, sincero, honesto, equanime, lógico, justo, elevado, dedicado — quantos e quantos atributos lhe poderíamos acrescentar aos mais que todos vós, por certo, lhe reconheceis!

Sua presença ás sessões, para nós, era motivo de íntima satisfação, pela exemplaríssima linha de conduta, pela aquiescência a opinião de seus pares, pela elevação que infundia com suas decisões de Presidente.

Para nós, pois, que estiveramos com êle tão pouco antes que êle se partisse, foi surpresa dolorosa que o perdessemos de nosso convívio.

Foi daqui, deste mesmo recinto que o levaram...

Uma procissão de flores, palmas e coroas, buquês. Corações angustiados e faces enternecidas... Uma infinita tristeza pairava neste vasto salão que vai recolhendo tantas tradições ao entreabrir-se ás manifestações da dor e da saudade.

Lá fora o sol dourava esplendido as avenidas. Parecia a Natureza estar em festas, ao regosijar-se a Terra numa infinita orquestração, para receber em seu seio o vulto querido e amigo, o historiador, o filólogo, o administrador e chefe, o nosso eminente companheiro, o general Emilio Fernandes de Sousa Doca, Presidente do Instituto de História e Geografia Militar.

E assim êle partiu. Seu corpo repousa na campa fria. Mas seu espírito, a sua personalidade, há de conservar-se vivo e forte; a sua memória, honrada; porque sua vida, para dignificação dos pósteros, inesquecível.

Externando sua saudade, o Instituto de História e Geografia Militar, que se honrou em tê-lo em sua Presidência, dignifica-se em consagrar-lhe esta página de saudade, rendendo o preito de uma sincera homenagem.



Sousa Doca realizou o ciclo da perfeição. A sua entrada na imortalidade vale como protesto contra a imperfeição humana, contra a injustiça, contra a felonía, contra o desprimor, contra todas as deformações que tornam o homem desfigurado ante o idealismo da criação.

Foi um puro e assim morreu.

Honremos sua augusta memória!

\* \* \*